



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17695 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 12 - Currículo

Para não seguirmos lassos nesse mundo. Currículo como rasura e performance como pele: escapes em tempos fascismo  
 Ana Carolina Justiniano Melotti - UFSB - Universidade Federal do Sul da Bahia  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Cnpq

#### PARA NÃO SEGUIRMOS LASSOS\* NESSE MUNDO1 . CURRÍCULO COMO RASURA E PERFORMANCE COMO PELE: ESCAPES EM TEMPOS FASCISMO

\*lasso adj. 1 fatigado, esgotado (por trabalho excessivo do corpo ou da mente); cansado (...)

*- Eu fico pensando até quando a gente tem fôlego para inventar moda na escola, mas é engraçado, eu falo que não vou mais me matar, e fazer só o que tem que ser feito, mas não tem jeito, é chegar aqui a gente é levado, isso é do professor, a gente reclama? Essa força é própria escola que faz, todo dia. Isso não se inventa do dia pra noite, nasce de muito trabalho, cansaço, mas também da alegria de estar juntos aqui todos os dias.*

*(Fragmento de conversa).*

Uma pele se faz num mundo que apesar de atual, parece estar de tempos em tempos, na eminência do fim. Em meio aos movimentos do mundo e aos encontros de corpos, professores e alunos se fazem pele e superfície. Se por um lado isso nos obriga a lidar com as durezas do mundo, por outro temos aquilo que emerge em nossas sensações como resistência a um estado de esgotamento para com ele. Resistir a este esgotamento, a estarmos lassos do mundo e seguir não apenas resistindo, mas também existindo, é algo que pode nos fazer, apesar de tudo e ainda, inventar uma pele-superfície nova.

Inventar uma pele curricular por uma performance é, antes e tudo, problematizar. Incitar, e ao mesmo tempo ter o pensamento incitado. Explicar e esgotar em uma docência que capta algo de intolerável, Cartografamos movimentos em uma escola pública, no ensino médio, quando ouvimos:

- Professora, Bolsa Família é coisa de vagabundo.

Uma explicação visceral é o rasgo de uma pele arranhada pelo que perturba e pelo intolerável que nos rodeia. A voz da professora toma forma no corpo se desborda em gestos que extrapolam a fala ao pegar a lixeira e pedir:

*- Joguem as bolinhas de papel e tentem acertar a lixeira de papel cada um de um lugar da sala. Um lá de trás, ou outro aqui na frente. E aí?*

Ao extrapolar com o corpo, ao enfrentar o indizível, a professora não se insere numa trama preexistente: inventa um corpo que fala, cria uma pele saturada pela nuvem de opressão dos discursos fascistas da atualidade. Irrompe uma performance transpirada por uma pele que não sucumbe ao silenciamento que tentam impor a professores das disciplinas consideradas “ameaçadoras”, como história, sociologia e filosofia.

Se uma performance como defendemos aqui enseja novas criações, novos possíveis, quando se acredita que tudo está perdido, pensamos que há processos que irrompem quando a vida diz não às forças de assujeitamento que insistem em prevalecer num tempo que as próprias vidas não veem outra saída que não seja uma criar uma nova pele. Essa dissonância ao ter o pensamento movido, violentado por uma rajada dá vida a novas formas de insurreição, impensadas, um modo de dizer não às amarras dos discursos de morte e gritar um silêncio numa aula de sociologia.

É a reivindicação de uma professora que aposta na vida e em mundos possíveis. Potência de um pulsar, fluxos, intensidades, que nos arrastam a fazer ver sua reivindicação durante a aula em movimentos de mundo. Trata-se da vontade que vem como um corpo que não quer seguir lasso nesse mundo e pensar com os alunos.

*- As chances são iguais? Então o que podemos fazer juntos?*

Injustiça, desigualdade social produzem um vibrar na professora que pode ser entendido como falta de controle. Ouvir que Bolsa Família é coisa de vagabundo bastou para disparar uma pele em um tempo em que a onda fascista e todo tipo de discurso que mutila a desigualdade ganha força e leva ao esgotamento.

*- Hoje em dia, como tudo que estamos vivendo, como um professor de história e sociologia faz? Finge de morto? O que a gente não pode fazer é deixar de colocar os alunos pra pensar, provocar mesmo.*

Rasgar-se para explicar, tem sido uma saída de professores diante do assombro incessante do fascismo. O combate na educação tem sido árduo em meio a fluxos de medo, de ódio e violências disseminadas que parecem ter saído do controle.

Dor e angústia tornam-se assim, efeitos de mundo na educação e na escola pública vitimada pela ausência do Estado em várias instâncias. Problematizando a dúvida da professora, sobre o que teria feito os alunos se enganarem e se iludirem? Deleuze e Guattari (2012) deslocam a pergunta para o que teria feito as massas desejarem o fascismo? Entendemos que esse processo de produção de dor e angústia passa pela produção incessante de desejo do capitalismo. Logo, é preciso colocar em dúvida sistemas vigentes. Desconfiar das categorias. Pensar os movimentos curriculares como performance em nos ajuda a pensar novos pontos de partida para refletir sobre as relações curriculares na educação como uma saída para afirmar as criações que se desenham nos currículos como performances. Deleuze e Guattari (2010) nos chamam atenção para uma máquina social na qual circulam desejo e repressão, dois movimentos de potência e desejo, mas também de morte. Obviamente, não nos referimos à morte inerente ao desejo, mas a um desejo de morte socialmente produzido: morte às diferenças, às pobreza, aos destituídos, aos desprovidos. As performances como pele nos forçam a pensar em um currículo como força de luta pela vida, atravessado pelo desejo de expandir, pela vontade de potência que faz ir além do estabelecido compondo um currículo que se afirme como potência de vida, alegria, e que combata o desejo de morte mobilizado pelo projeto macropolítico de poder e

de extermínio que naturaliza algumas mortes.

Uma performance é uma pele nascida no seu próprio ritmo quando tudo lhe é retirado. É quando um currículo chega a um limite e explode em marés vazantes.

*- Nós conversamos nas aulas. Ouvimos, discutimos. Juntos, a gente se fortalece e mostra pro aluno quanta falta de respeito tem hoje em dia contra o gay, o negro e as mulheres. São muitas aulas conversando, escrevendo. Isso ajuda a pensar no que incomoda, te toca.*

O currículo sofre de um esgotamento da velocidade, da representação, em tempos de ascensão do fascismo como evidenciamos naquela sala de aula composta por jovens trabalhadores, cujas vidas são quase totalmente subsumidas pelo trabalho, reforçarem o discurso que os oprimem.

As políticas supressoras de vidas não conseguem congelar as irrupções. A explosão da professora, desgastada com a toxidade do momento político aparece como um transbordamento: “[...] é como se alguma coisa nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção a uma destinação não conhecida, não preexistente” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146). Basta um lampejo para a fissura acontecer, marcar um limiar de resistência. Quando já não se suporta mais, novas relações de velocidade se movimentam, como performances e instauram clandestinidades para oxigenar um currículo criador.

Performances insurgem como resistência aos automatismos, como uma prática em uma situação-limite, um corpo em constante devir (CARVALHO 2019), destituído de uma organização cartesiana e atravessado por potências. Pela performance como pele, os currículos são próprio o corpo em devir, o corpo que se deixa afetar pelo mundo, atravessar por forças, fugindo da linearidade e atualizando-se a cada instante.

Assim, entendemos que as performances fazem novas peles no currículo em revide às políticas sufocantes, artistando (CORAZZA, 2003) e produzindo deslocamentos que trazem a potência de criação como sopro de vida, que rasura um currículo, abre poros, mancha a pele, desafia a dureza da significância, cria uma performance como pele, e faz de cada poro, um mundo novo, possível.

#### Referências

APOLLINAIRE. “Zona” in: Alcoóis (edição bilíngüe), São Paulo, Hedra, 2013.

CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/micropolítica, cotidiano escolar e constituição de um corpo coletivo em devir. Educação Temática Digital – ETD, v. 21, n. 1, p. 47-62, jan./mar. 2019.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.  
DELEUZE, G.; PARNET. C. Diálogos. São Paulo: Editoria Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2012 v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. Lisboa: Assírio & Alvim/Guide, 2010.